

De tão desconhecido que era, ainda no ano da sua morte foi preciso o jornal do — esse sim, famoso — Repórter X gastar uma página para provar que, «felizmente para as letras portuguesas»

Fernando Pessoa existe

Ilídio Rocha

Nove meses antes de morrer, Fernando Pessoa era não só ignorado do grande público português — o que seria natural — como até entre os mais esclarecidos apenas uma meia dúzia o conhecia e, obviamente, admirava.

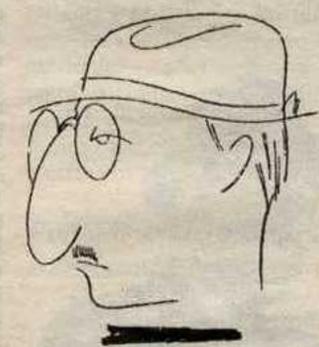
Em 1935, ano da sua morte, o poeta era tão desconhecido nos meios lisboetas — e tinha acabado de ganhar o prémio da poesia do Secretariado de Propaganda Nacional (da categoria B embora) — que ao aparecer, no *Diário de Lisboa* de 4 de Fevereiro, um artigo polémico assinado com o seu nome, a reacção geral foi a de tentar saber quem seria aquele corajoso que não conheciam, nem de nome, indo muitos ao ponto de admitirem tratar-se de pseudónimo. E a curiosidade por um lado, e a confusão por outro, eram tais, que o seu admirador e amigo Reinaldo Ferreira (Repórter X) se sentiu na obrigação de dedicar uma página do jornal que então dirigia a explicar ao seu público que não só Fernando Pessoa existia como até era festejado nas colunas do londrino *Times*.

O escândalo de um Sr. Fernando Pessoa

Em 19 de Janeiro de 1935, José Pereira dos Santos Cabral, advogado de Fornos de Algo-

dres, director-geral dos Serviços Prisionais, administrador das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade, director da Companhia das Águas de Lisboa, monárquico e combatente em 1919 contra a República, futuro membro da Legião Portuguesa e deputado da União Nacional desde o ano anterior, apresentou à Assembleia Nacional um projecto de lei que proibia a qualquer cidadão português pertencer a associações secretas. O decreto, como é bom de ver, não visava a Companhia de Jesus ou o Conselho de Ministros, a seu modo também associações secretas como publicamente denunciou Pessoa, mas apenas a Maçonaria. E, como é sabido, até tinham sido iniciados naquela Ordem o então Presidente da Assembleia Nacional, professor José Alberto dos Reis, e o então presidente da República, general António Fragoço Carmona.

Perante aquela proposta e a inevitabilidade da sua aprovação, Fernando Pessoa resolveu escrever um artigo contra o projecto de lei do sr. José Cabral (que), além do produto da mais completa ignorância do assunto, seria, se fosse aprovado: primeiro, inútil e improficuo (se o sr. José Cabral cuida que ele, ou a Assembleia Nacional, ou o Governo, ou quem quer que seja, pode extinguir o Grande Oriente Lusitano, fi- que desde já desenganado); se-



Fernando Pessoa visto pelo caricaturista do X em 1935

gundo, injusto e cruel (resultaria dele — alegre-se o dominicano! — um grande número de perseguições a oficiais do exército e da armada e a funcionários públicos); terceiro, um malefício para o País na sua vida internacional. (1) Um artigo a um tempo corajoso, inteligente, cáustico e deliciosamente irónico, que terminava assim:

«Acabei de vez. Deixe o sr. José Cabral a Maçonaria aos maçons e aos que, embora o não sejam, viram, ainda que noutra Templo, a mesma Luz. Deixe a antimaçonaria àqueles antimaçons que são os legítimos descendentes intelectuais do célebre pregador que descobriu que Herodes e Pilatos eram Vigilantes de uma Loja de Jerusalém.

Deixe isso tudo, e no próximo dia 13, se quiser, vamos juntos a Fátima. E calha bem porque será 13 de Fevereiro — o aniversário daquela lei de João Franco que estabelecia a pena de morte para os crimes políticos.»

Ora um tal texto, no nono ano da ditadura, a cinco anos já da criação da União Nacional e a dois da Constituição do Estado Corporativo, era naturalmente um escândalo. E ainda por cima um escândalo apimentado pelo tema sempre fascinante das coisas a que se chamam «secretas». Daí que o nome que o subscrevia passasse, de repente, para a boca de Lisboa e do País que, não sabendo quem ele era, interrogava, especulava, inventava.

Dirigia a esse tempo o famoso Repórter X, pseudónimo do jornalista Reinaldo Ferreira, mais um dos seus sensacionalistas semanários, o X — sucessor de *O Repórter X* e de *O Jornal do Repórter X* — e, amigo do poeta, resolveu publicar ali um artigo de quase uma página, a 14 de Fevereiro, dez dias, portanto, depois do aparecimento do famoso texto no *Diário de Lisboa*, esclarecendo a confusão que ia entre o público, e até do público mais avisado, sobre quem era aquele defensor da Maçonaria. Nota curiosa: o texto do X nem uma só vez refere o tema do artigo que gerara uma tal curiosidade (2).

Depois de registar que o nome de Fernando Pessoa surgira, «bruscamente, ao som de uma imprevisível pancada de

gongo, como um Mefistófeles de Ópera — encharcado pelas luzes de mil holofotes, multiplicado pelos tablados de todas as conversas» e «de uma noite para o dia», o texto de o X diz ser de interesse constatar o seguinte facto: «Fernando Pessoa que, há dez dias a esta parte é dos indivíduos mais discutidos — não só nos cafés, nas esquinas, nas tertúlias da capital — como em todo o País — é também dos nomes mais ignorados, das personalidades menos conhecidas... À parte uma minúscula minoria intelectual que não só não o ignora, como o admira e o intronisa mui alto (...)



Augusto Ferreira Gomes, o íntimo amigo de Fernando Pessoa, segundo o caricaturista do jornal X de Reinaldo Ferreira

Fernando Pessoa é uma incógnita. E é precisamente pelo comprimento do seu salto sobre o vácuo dessa ignorância quase geral e até à popularidade vertiginosa — que mais se agrava a curiosidade da maioria, encanizando-se, intrigada, a perguntar: 'Mas donde saiu este Fernando Pessoa!' — ou antes, dando toda a rédea à fantasia — e arriscando as hipóteses mais inverosímeis: 'A mim já me bicharam que é pseudónimo!' — 'O quê? vocês ainda vão aí? Eu sei de fonte limpa que o artigo em questão é de Fulano — que não quis pôr o seu verdadeiro nome e que magiou aquela!'

Ora Fernando Pessoa existe

«Ora Fernando Pessoa existe, felizmente para as letras portuguesas...», sentia o Repórter necessidade de reafirmar e, provando que o conhecia bem, adiantava:

«Antes de mais nada — é preciso que se saiba que a especial e sempre admiravelmente estranha actividade mental de Fernando Pessoa dura há vinte e tal anos. Já na aurora desta geração (...) Fernando ocupou

um posto marcante de chefe, de orientador fleumático, oculto, desprezando glórias e troféus — de olhos fixos apenas no triunfo dos ideais e sonhos estéticos em jogo. Foi ele um dos generais do célebre Orfeu...»

«Não exhibe as suas produções; raramente as publica. São para ele só — e para alguns amigos. A sua missão na vida, missão mental, espiritual — parece ocultá-la como um segredo — e cumpri-la ferverosamente como um designio de Deus. Do mistério da sua intimidade apenas se transparenta o seu ar místico, a sua sede de estudo, a orientação complexa das suas leituras, duma biblioteca, da sua cultura.»

De que vive e como vive o poeta

Como não vive da sua obra, nem é rico, trabalha «como qualquer empregado bancário — das tantas às tantas... Conhece o inglês, escreve-o como qualquer redactor do *Times*. É essa a sua profissão: tradutor. O seu contacto com a vida, fora das horas da faina profissional — é regateado: uma hora, todas as tardes, no 'Martinho da Arcada', no Terreiro do Paço, cercado por uma dúzia de jornalistas, poetas, escritores, artistas... Discute-se arte e poesia e livros e acontecimentos (...)

«Dizem que vive sozinho, num bairro distante do centro, numa rua em que o sol catadupa, generoso. Não tem visitas. Terminada a tertúlia — some-se, tranca-se, cercado de livros, livros sempre renovados pelas remessas contínuas que lhe chegam de França, da Alemanha — mas sobretudo de Inglaterra. Poucos ingleses, mesmo profissionais de letras — estarão tão em dia com o momento literário do seu país como Fernando Pessoa...»

Os policiais e os poemas ingleses...

Como se sabe, uma das grandes paixões de Reinaldo Ferreira eram as novelas policiais, os contos de polícias e ladrões e assassinos, de que escreveu dezenas em Espanha e em Portugal. E, se não fora o estilo nervoso de travessões da sua prosa, bastaria este destaque num artigo em que pôs tanto empenho para o denunciar:

«Um dia — continua o X, a propósito de Pessoa — afinetado pelas lendas que aureolavam as suas leituras, tentei, velhacamente radiografá-lo; mas, com surpresa minha, citou-me a elite dos romancistas policiais britânicos, confessando que passava horas, deliciosas, na solidão, emocionando-se naqueles duelos empolgantes entre detectives e bandidos em redor de um mistério denso e desconcertante. Quando me

canso dos outros — declarou — corro aos policiais.»

«Certa vez um dos seus íntimos (3), a quem mostrava a minha estranheza ante a abstinência de publicidade que Fernando Pessoa praticava com as suas obras — mostrou-me vários volumes de versos, editados em Londres, compostos directamente em inglês pelo autor. A seguir deu-me a ler meia coluna do crítico literário do *Times* que se mostrava atontado ante o surgimento dum poeta português de tal quilate, redigindo assim num idioma estrangeiro e comparando-o aos clássicos mais gloriosos.» (4)

E assim o semanário de Reinaldo Ferreira, do famoso Repórter X, esclarecia o mistério daquele Sr. Fernando Pessoa que «é magro, tem os lábios sempre comprimidos, como os de uma criança — e como as crianças esbugalha os olhos, atrás dos óculos, numa expressão de passo infantil quando escuta algo que o surpreende ou quando fixa a sua atenção numa conversa...» Aquele senhor que em Fevereiro de 1935, vinte anos depois da publicação do *Orpheu*, no próprio mês em que receberia o prémio do S. P. N. pela *Mensagem* e a nove meses da sua morte, era tão desconhecido que foi necessário vir dizer num jornal que um artigo por si publicado dez dias antes era assinado com o nome verdadeiro de alguém que existia «felizmente para as letras portuguesas». E que aquele artigo tão discutido não fora escrito, como muitos julgavam, por um sujeito que, para denunciar a má-fé e a ignorância de um deputado do Estado Novo e defender a Maçonaria, se escondeu sob o anonimato de um pseudónimo.

(1) Este artigo pode ser lido, com as variantes que teve noutras edições, em: Marques, A. H. de Oliveira — *A Maçonaria Portuguesa e o Estado Novo*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1975, pp. 213-223.

(2) O artigo do X, publicado no seu n.º 13, de 14 de Fevereiro de 1935, não está assinado. É, no entanto, facilmente atribuível ao seu director e principal redactor, o Repórter X.

(3) Trata-se muito provavelmente de Augusto Ferreira Gomes, íntimo e companheiro de leituras de Pessoa; Pessoa que lhe prefaciou o livro *Quinto Império* a que Reinaldo Ferreira tinha dado, dois meses antes, o destaque de uma página no seu jornal.

(4) Em 19 de Setembro de 1918, o suplemento literário do *Times* publicou uma nota aos poemas ingleses de Pessoa aparecidos esse ano: *Antinous* e *35 Sonets*. Na mesma data, o *Glasgow Herald* referiu-se-lhes também pela pena do seu crítico literário. Os restantes volumes que Reinaldo Ferreira viu nas mãos do amigo comum foram, certamente, *English Poems (I-II)* e *English Poems (III)*, publicados em 1921. Só que nenhum dos quatro volumezinhos fora editado em Londres, mas sim em Lisboa.

CURSOS INTENSIVOS
JULHO · AGOSTO · SETEMBRO

ALEMÃO EM COLABORAÇÃO COM O INSTITUTO ALEMÃO

INGLÊS

ITALIANO

TELEFS. 520345-536786

AV. DUQUE DE LOULÉ 71 2.º

1000 LISBOA

PORTUGUES PARA ESTRANGEIROS

INSCREVA-SE

JÁ

Filmarte

RUA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 122

Telex. 57 87 66-57 88 39

1000 LISBOA

CAMPANHA

Amplicópias cores 10 x 15 cada 40\$00

Revelação 140\$00

LOJAS: Rua das Pretas, 45 (Antunes & Valadas, Lda.)

Rua Augusta, 249-251 (Filmarte)